



Portugal, a Política Tribal e a Cidadania que Ficou por Nascer

Publicado em 2026-06-04 09:40:13



BOX DE FACTOS

- Portugal é classificado pela Freedom House como país livre, com 96 pontos em 100 no relatório *Freedom in the World 2025*.
- Nas legislativas de 2025, segundo a SGMAI/MAI, votaram 58,23% dos eleitores inscritos no total global, incluindo território nacional e estrangeiro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

termómetros mais trageis da vida democrática.

- A Transparency International atribuiu a Portugal 56 pontos no Índice de Percepção da Corrupção, colocando o país numa zona inquietante para uma democracia madura.
- Estudos recentes sobre polarização afectiva em Portugal indicam que a hostilidade emocional entre blocos políticos se tornou mais relevante no comportamento eleitoral.
- O problema português não é apenas institucional: é cultural, moral e cívico.

Portugal, a Política Tribal e a Cidadania que Ficou por Nascer

*Portugal tem eleições, partidos, Parlamento, tribunais,
Constituição e discursos solenes sobre democracia.*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal gosta muito de se apresentar como democracia adulta. Tem cravos na memória, hinos na cerimónia, discursos na Assembleia e comentadores em abundância suficiente para abastecer uma pequena central eléctrica de ruído. Mas por baixo da liturgia democrática permanece uma pergunta incómoda: quantos portugueses se comportam verdadeiramente como cidadãos, e quantos continuam a agir como membros de uma tribo?

A diferença é brutal. O cidadão interroga. A tribo repete. O cidadão exige provas. A tribo exige fidelidade. O cidadão pode mudar de opinião perante factos novos. A tribo muda apenas de inimigo. O cidadão quer justiça, mesmo quando ela incomoda os seus. A tribo quer vingança quando são os outros, e impunidade quando são os seus.

A democracia formal e a cidadania ausente

Seria injusto dizer que Portugal não é uma democracia. É. Formalmente é uma democracia robusta, com liberdades públicas, eleições competitivas e protecção constitucional dos direitos fundamentais. A Freedom House classifica Portugal como país livre, com 96 pontos em 100, o que coloca o país num patamar institucional respeitável. O

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

eleições. Mede-se pela qualidade do juízo público, pela capacidade de fiscalizar o poder, pela coragem de criticar o próprio lado, pela recusa da mentira útil e pela exigência de decência mesmo quando ela prejudica a nossa capelinha política.

Ora, em Portugal, demasiadas vezes, a política não é vivida como serviço público, nem como confronto de ideias, nem como projecto de futuro. É vivida como pertença. Como claque. Como família alargada. Como clube de futebol com orçamento de Estado.

A tribo substituiu a consciência

A política tribal começa quando o cidadão deixa de perguntar: “Isto é verdadeiro?” e passa a perguntar: “Isto favorece os meus?”. É nesse momento que a consciência se demite e entrega as chaves da casa à pertença partidária.

Se um juiz investiga uma figura política adversária, é herói. Se investiga uma figura próxima da nossa tribo, é carrasco, conspirador ou instrumento obscuro de forças inconfessáveis. Se um jornalista revela factos contra os outros, faz investigação. Se revela factos contra os nossos, faz assassinato de carácter. Se um político do campo contrário

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

portuguesas. Não é exclusiva de esquerda, nem de direita, nem de centro, nem das periferias ruidosas. É transversal. É quase uma arte nacional: a ginástica olímpica da desculpa tribal.

O eleitor de tribo não quer verdade: quer protecção

A política tribal oferece conforto. Dá identidade pronta a vestir. Dá inimigos fáceis. Dá explicações simples para problemas complexos. Dá, sobretudo, a ilusão de pertença num país onde muita gente se sente abandonada, humilhada, esquecida ou traída.

O eleitor tribal não precisa de ler programas. Basta-lhe reconhecer o cheiro da sua matilha. Não precisa de avaliar propostas. Basta-lhe odiar o adversário certo. Não precisa de pensar a longo prazo. Basta-lhe vencer a discussão do dia, mesmo que o país perca a década.

E assim Portugal vai sobrevivendo entre ciclos de indignação, escândalos, promessas, resignação e nova indignação. A cada eleição renova-se o teatro; a peça, porém, é quase sempre a mesma: actores diferentes, vícios antigos, plateia cansada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

No território nacional, a participação foi superior, mas o dado global continua a revelar uma ferida: uma parte substancial do país não se revê na política ou desistiu de acreditar que o voto possa alterar substancialmente o rumo colectivo.

A abstenção não deve ser lida apenas como preguiça cívica. Muitas vezes é desencanto. Outras vezes é protesto silencioso. Outras ainda é pura irresponsabilidade democrática. Mas, seja qual for a causa, uma democracia onde milhões se afastam da decisão pública fica inevitavelmente entregue aos mais mobilizados, aos mais organizados e, frequentemente, aos mais tribalizados.

A ausência do cidadão moderado, informado e exigente abre espaço ao grito. E o grito, como se sabe, tem uma vantagem injusta sobre a razão: chega primeiro ao ouvido.

Corrupção, desconfiança e fadiga moral

A Transparency International atribuiu a Portugal 56 pontos no Índice de Percepção da Corrupção. Não é uma certidão de país perdido, mas também não é medalha para pendurar na lapela democrática. É antes um aviso: quando a percepção de corrupção permanece elevada, a confiança pública degrada-se, os cidadãos desmobilizam-se e as tribos ganham terreno.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

deixa de acreditar nas instituições, começa a procurar homens providenciais. E os homens providenciais, na história, raramente trazem boas notícias. Costumam chegar montados em promessas e sair deixando cinzas.

A polarização afectiva: quando o adversário deixa de ser humano

A investigação recente sobre polarização afectiva em Portugal mostra que a hostilidade emocional entre eleitores e partidos ganhou relevância no comportamento eleitoral. Isto é mais perigoso do que a simples divergência ideológica. Divergir é saudável. Detestar é corrosivo.

Numa democracia adulta, o adversário político é alguém com quem discordamos. Numa política tribal, o adversário transforma-se em inimigo moral, ameaça existencial, criatura suspeita, quase sub-humana. A partir daí, tudo se justifica: a calúnia, o insulto, a simplificação, a mentira piedosa, a manipulação emocional.

É aqui que a cidadania morre. Não morre num golpe de Estado, nem num decreto, nem numa noite de tanques na rua. Morre devagarinho, na linguagem, na conversa de café, na caixa de comentários, no telejornal gritado, na frase “os meus podem tudo porque os outros são piores”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

concreto. Critica o poder, mas procura favores. Queixa-se do Estado, mas pede cunhas. Odeia privilégios alheios, mas tolera os próprios. Exige justiça, mas prefere excepções quando a justiça entra pela porta da família, do partido, da amizade ou da conveniência.

Esta duplicidade corrói a cidadania. Porque a cidadania exige universalidade: a mesma régua para todos. Não há Estado de Direito à la carte. Não há justiça com cartão de sócio. Não há ética de camisola vestida.

O português tribal não quer instituições fortes; quer instituições úteis. Não quer justiça independente; quer justiça favorável. Não quer comunicação social livre; quer comunicação social alinhada. Não quer debate; quer confirmação. Não quer democracia; quer vitória.

A cidadania como acto de solidão

Ser cidadão, em Portugal, é muitas vezes um acto solitário. É recusar a gritaria do grupo. É dizer aos nossos que estão errados. É defender o direito do adversário a ser tratado com justiça. É aceitar que uma causa justa pode ser mal defendida. É perceber que a verdade não tem filiação partidária.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

não insultar. Decide não desculpar o indesculpável apenas porque veio do lado conveniente.

É pouco? Talvez. Mas todas as grandes civilizações começaram por pequenos actos de lucidez. E todas as decadências começaram quando a lucidez passou a ser vista como traição.

O futuro: ou cidadãos, ou servos com boletim de voto

Portugal não precisa apenas de reformas administrativas, fiscais, judiciais ou económicas. Precisa de uma reforma moral da cidadania. Precisa de portugueses capazes de olhar para o país para além do partido, para além da tribo, para além da inveja, para além da pequena vantagem imediata.

A democracia portuguesa não será salva por slogans, nem por salvadores, nem por líderes televisivos de mandíbula tensa. Será salva, se ainda o puder ser, por cidadãos exigentes, livres, informados e moralmente incómodos. Gente que não peça licença à tribo para pensar. Gente que não confunda lealdade com cegueira. Gente que saiba que a pátria não é o partido, e que a verdade não se negocia ao balcão da conveniência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

time.

E talvez seja essa a tragédia mais funda: não sermos um povo incapaz de liberdade, mas um povo que tantas vezes troca a liberdade pelo conforto morno da pertença. A tribo dá abrigo. A cidadania dá responsabilidade. E a responsabilidade, como sempre, pesa mais do que uma bandeira agitada ao vento.

Epílogo

Um país sem cidadãos não morre de repente. Vai-se apagando. Primeiro perde a vergonha. Depois perde a exigência. Depois perde a memória. Por fim, já nem sabe distinguir liberdade de obediência, justiça de vingança, opinião de preconceito, democracia de ruído.

Portugal ainda tem tempo. Mas o tempo não é eterno. A cidadania é como uma árvore: se não for regada pela verdade, pela coragem e pela responsabilidade, acaba por secar. E quando seca, as tribos vêm fazer sombra sobre as suas ruínas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2025. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/portugal/freedom-world/2025>
2. SGMAI/MAI — *Eleições Legislativas 2025: Resultados Globais*. Disponível em: <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2025>
3. PORDATA — *Taxa de abstenção nas eleições para a Assembleia da República*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios/taxa+de+abstencao+nas+eleicoes+para+a+assembleia+da+republica-630>
4. Transparency International — *Portugal: Corruption Perceptions Index*. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/countries/portugal>
5. V-Dem Institute — *Democracy Report 2025*, com análise sobre polarização política tóxica e riscos para a democracia. Disponível em: https://www.v-dem.net/documents/60/V-dem-dr__2025_lowres.pdf
6. Frederico Ferreira da Silva — *Affective polarisation and voting behavior in Portugal (2002–2024)*, South European Society and Politics, 2025.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

7. Fundação Francisco Manuel dos Santos —

Institutions and the Quality of Democracy: Political Culture in Southern Europe. Disponível em: <https://ffms.pt/en/research/studies/institutions-and-quality-democracy-political-culture-southern-europe>

8. Associated Press — análise da reorganização do sistema partidário português após as legislativas de 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/1681e21359a16ea4cd4c38efeeadaoe>

Artigo de Francisco Gonçalves

Publicado em *Fragmentos do Caos*

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas** — porque até no caos convém haver alguma gramática.

Portugal não precisa apenas de melhores políticos; precisa de mais cidadãos inteiros, livres e moralmente exigentes. A tribo dá calor. A cidadania dá coluna vertebral. E é disso que o país anda tão carenciado.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)